



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

**ALLYSON CARVALHO DE ARAÚJO
(depoimento)**

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias – Segundo Tempo

Número da entrevista: E-141

Entrevistado: Allyson Carvalho de Araújo

Nascimento: 13/03/1982

Local da entrevista: Não informado

Entrevistadores: Silvana Vilodre Goellner

Data da entrevista: Não informado

Transcrição: Tuany Defaveri Begossi

Conferência Fidelidade: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: Gravador digital.

Total de gravação: 23 minutos e 20 segundos.

Páginas Digitadas: 9

Catálogo: Luciane Silveira Soares

Registro: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02149/2010/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

ARAÚJO, Allyson Carvalho de. *Allyson de Araújo (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com o Programa Segundo Tempo; participação nas capacitações pelo Brasil; coordenação de equipe: abrangência, profissionais que fazem parte, convênios; aspectos que desenvolve dentro da formação do PST; importância do PST para a Educação Física; demanda crescente do Programa; importância na preservação da memória do PST.

S.G. – Estou conversando com o Allyson que trabalha no Programa Segundo Tempo. Desde quando tu trabalhas no Segundo Tempo?

A.A. - Eu fui convidado a trabalhar no Segundo Tempo em janeiro de 2008. Aquela primeira etapa, foi o primeiro exercício sistematizando a capacitação para o Segundo Tempo, nesses novos moldes. Nesse segundo momento que o Segundo Tempo está passando, que tem uma estruturação de capacitação e acompanhamento pedagógico. Naquele momento, foram chamadas duas grandes equipes a serem trabalhadas. Uma a partir do convite do professor Ricardo Petersen¹ com o grupo do Sul, não só da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas de outras Universidades do Sul e outros profissionais a convite do professor José Pereira de Melo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Eu estava envolvido nesse grupo do Rio Grande do Norte e, desse primeiro momento, que foi em janeiro, fevereiro de 2008 em Maringá² especificamente, no qual foram debatidos os temas da capacitação, nós formamos equipes de em média oito ou dez formadores e começamos a viajar o Brasil inteiro fazendo formações. Eu lembro que nessa época passei quarenta e cinco dias sem pisar em casa, viajando de uma cidade para a outra, fazendo capacitações. Foi um exercício interessante porque, naquele primeiro momento, começou-se a perceber que a capacitação não dava para ser tão estandardizada, tão hermética, porque dialogávamos com realidades como em Manaus³, no qual as cidades ribeirinhas tinham uma peculiaridade muito forte e íamos para outros centros como o Rio de Janeiro em que as dificuldades eram outras, inclusive, de acesso aos núcleos nas comunidades lá presentes. E, esse primeiro momento, foi um momento muito importante e, a partir daí, é que efetivamente começou a sistematizar formas distintas de capacitação a qual eu venho acompanhando desde então.

S.G. – Allyson, tu já conhecias o Segundo Tempo antes de atuar como formador?

A.A. - Não. Na realidade, eu conhecia, sabia da existência do Programa e, em um primeiro momento, eu o percebia com uma certa resistência, pela identidade que ele criou nacionalmente, de buscar talentos esportivos dentre outras falas que eu escutava sobre o Programa. Aderi à proposta de ser formador e, posteriormente, coordenador de equipe

¹ Ricardo Demétrio de Souza Petersen. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Cidade do Paraná.

porque percebi um diferencial de proposta nesse segundo momento que a CGAPA⁴ começou investir nesse modelo de capacitação. Primeiramente foi uma aposta nas pessoas que estavam à frente disso, do próprio Pereira⁵ que me fez o primeiro convite, do Amauri⁶ que estava à frente, da Gianna⁷ que tem se mostrado uma gestora competente no que faz. Primeiro foi uma aposta nas pessoas e depois, evidentemente, veio o engajamento que foi natural e é o que faz boa parte do grupo dos formadores estarem aqui até hoje.

S.G. – Essa experiência de viajar o Brasil inteiro, de fazer capacitações com públicos absolutamente distintos, as suas especificidades, tu percebes que isso contribui ou não na tua formação como professor universitário? Que relação se estabelece aí? Com o que o Segundo Tempo pode contribuir nesse sentido?

A.A. - Na realidade, o primeiro aprendizado enquanto professor universitário, pesquisador, enquanto pessoa que está pensando a educação física, sobretudo, a parte pedagógica da nossa área, não foi nem nas formações. Foi, primeiramente, na estruturação da proposta. Nós temos um país com dimensões continentais e as diferenças não estão somente nos espaços geográficos ou nos atos culturais das pessoas, estão também na formação dessas pessoas. Então, dialogar com o pessoal do centro-oeste, dialogar com o pessoal do norte, do sul, me faz perceber que, a formação que eu tive em educação física e o investimento acadêmico que eu faço nela, são extremamente limitados por eu não conhecer uma série de outros referenciais discutidos em âmbito nacional. E eu acho que o exercício que o Segundo Tempo fez ao aglutinar pessoas de tantas Universidades, tantos pesquisadores, pessoas de referência na área, foi isso, de pensar onde é que nós somos convergentes, onde é que nós ganhamos unidades. Então, para mim, esse é o primeiro aprendizado e, quando eu volto para a Universidade, quando eu penso isso com os meus alunos, a primeira grande coisa é desconstruir que a educação física é monolítica como as nossas formações se propõem. Parece que só existe um discurso, uma metodologia, um tipo de fala na educação física. Então, temos desconstruído isso. Para mim, o grande aprendizado no Segundo Tempo, foi isso. No que diz respeito à formação, efetivamente a conversa com os

³ Capital do Amazonas.

⁴ Coordenação Geral de Acompanhamento Administrativo e Pedagógico – PST.

⁵ José Pereira de Melo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁶ Amauri Aparecido Bassoli de Oliveira. Coordenador pedagógico do Programa Segundo Tempo.

coordenadores de núcleo, as formações com esse público que está como dizemos, na ponta, para mim, o grande aprendizado é ter pensado a operacionalização a partir das realidades. Isso não é fácil. E também lutar com as resistências que são de ordens distintas. Algumas vezes resistências de: “Ah, mas isso não vai mudar mesmo” ou resistência de não ter um espaço físico ou resistência de: “Espera aí! Que metodologia de ensino é essa? Que coisa retrógrada é essa? Que pensamento absolutista é esse?”. Acho que a partir das experiências com grupos distintos nós conseguimos não só pensar adequações mais favoráveis ao aprendizado no esporte em diversos espaços, mas, sobretudo, de pensar aonde ainda dói a pedra no nosso sapato na educação física escolar. Quais são as nossas defesas na educação física de uma forma geral. Defesa de ordem que: “Eu só me sinto seguro no que eu domino”, ou ainda aquela do: “Nunca vai dar certo mesmo. A educação física não é legitimada e não é importante”. O que dói? Onde é que ainda nos dói? A afirmação que a educação física é importante, que as práticas corporais são legítimas e são necessárias para a vida dos cidadãos brasileiros.

S.G. – E também, tem uma outra dimensão que tu estás envolvido no Segundo Tempo que é a coordenação de uma equipe. São outras habilidades necessárias, outros conhecimentos, que, às vezes, nós também não temos informação para isso nos cursos iniciais e também vamos aprendendo a fazer isso na prática. Então, quantas pessoas, quantas equipes, mais ou menos, estão envolvidas no grupo que tu coordenas? Como é esse desafio de coordenar uma equipe de um projeto com uma dimensão tão grande como é o Segundo Tempo?

A.A. - Na realidade, quando eu recebi o convite para coordenar uma equipe, me senti extremamente envaidecido pela confiança que me foi dada, pela percepção clara de que todos os coordenadores de equipes são pessoas que já tem um renome na educação física, tem uma visibilidade e são pessoas que, por exemplo, eu me formei tendo como referência e para mim foi muito desafiante. Exatamente por ser um desafio, acho que eu agarrei isso de forma tão pesada. Penso que a primeira questão é que nós não temos formação para isso e eu não me senti tão desprestigiado por essa lamentação de não ter formação, porque eu percebi que isso era comum a todos os meus colegas coordenadores e alguns, com alguma dificuldade a mais. Se você pensar que, por exemplo, tem professores, profissionais de

⁷ Gianna Lepre Perim. Diretora do Departamento de Esporte Escolar e Identidade Cultural da Secretaria Nacional de Esporte Educacional. Ministério do Esporte.

uma extrema competência, mas que não acompanham os meios tecnológicos de forma um pouco mais tranqüila como eu acompanho. Minha geração tem um pouco disso. Se bem que já está ficando um pouco para trás em alguns aspectos [risos]. E nós não temos essa formação e nós aprendemos fazendo e ainda apanhamos até hoje. Acho que crescemos muito na gestão do Programa Segundo Tempo em acompanhamento, mas ainda estamos aprendendo, estamos apanhando. Eu comecei coordenando a equipe cinco que, a princípio, abarcava os estados de Pernambuco e Sergipe e agora a equipe cinco cresceu um pouco. Nós estamos com Pernambuco, Sergipe e Alagoas. A equipe cinco começou embrionariamente com apenas dois profissionais, eu e o professor Rafael Tassitano⁸ e a oficialização das equipes colaboradoras foi em junho de 2008 na cidade de Natal em um evento formulado especificamente para oficializar essa ação das equipes dentro do planejamento estratégico da secretaria. Começamos apenas eu e o professor Rafael Tassitano. Posteriormente, tivemos a conquista de mais duas avaliadoras, a professora Loreta Melo⁹ e a professora Eliene Lacerda¹⁰ e, por muito tempo, a equipe cinco foi limitada a quatro pessoas apenas. E, era um trabalho árduo. Eu gostava de comentar com os meus pares lá da equipe cinco e dizer: “Olha, nós somos os novos e os com pouca visibilidade desse grupo. Portanto, temos que mostrar serviço, que fazer valer o nosso espaço aqui dentro”. Eu fico muito feliz em perceber que nós atendemos, em grande medida, todas as demandas que nos foram dadas. A princípio, atendíamos a três convênios em atividade: o convênio 307/2007 que é da Prefeitura Municipal de Petrolina¹¹; o convênio 096/2008 da Prefeitura Municipal de Olinda¹²; o convênio 112/2008 da Associação Caruarú de Ensino Superior. Perdão! Esqueci de um quarto que é o 098. Agora 098 e 096. Um é Olinda e o outro é Aracaju, em que o proponente é a Prefeitura Municipal de Aracaju¹³. Em Petrolina são quarenta núcleos. Em Olinda são dez núcleos. Em Caruaru são vinte e cinco núcleos e, em Aracaju, são vinte e seis núcleos. Então, esses quatro professores (eu, o professor Rafael, a professora Loreta, a professora Eliene) deram conta, durante muito tempo, desses núcleos todos em quatro convênios. Atualmente, a equipe cresceu, porque cresceu também a demanda, estamos com mais. A professora Eliene Lacerda saiu da equipe. Ela estava em Pernambuco fazendo seu mestrado e agora retornou

⁸ Rafael Miranda Tassitano. Universidade Federal Rural de Pernambuco.

⁹ Loreta Melo Cavalcanti Bezerra. Faculdade dos Guararapes - Pernambuco.

¹⁰ Eliene Lacerda Pereira. Secretaria Municipal de Educação de Goiânia.

¹¹ Cidade de Pernambuco.

¹² Cidade de Pernambuco.

para Goiânia¹⁴ onde está agregada a outra equipe. E tivemos o acréscimo de mais algumas pessoas, entre elas, a professora Maria Cecília Tenório¹⁵, a professora Adriana Sérvula¹⁶ e a professora Andréa Paiva¹⁷. E, mesmo com o encerramento de vigência de alguns convênios, como o convênio de Petrolina, Aracaju¹⁸ e Olinda, tivemos duas grandes entradas, o 051/2008 que é o da Secretaria Especial de Esportes de Pernambuco, que só esse tem cento e vinte núcleos de uma vez só, o IDHS¹⁹ que é de Maceió²⁰ e que também vem com cento e vinte núcleos e, o da Fundação Delmiro Gouveia que é uma cidade do interior de Alagoas que vem com apenas vinte núcleos. Então, nós tivemos demandas para crescer e com esse crescimento, também novas aprendizagens. Você trabalhar com um grupo menor de pessoas (colaboradores/avaliadores) já demanda uma articulação dessas pessoas, bem como também, trabalhar com um número menor de convênios dá uma dinâmica na sua vida. Quando você pensa isso em um universo maior, dá uma outra dinâmica com um pouco de medo, um pouco de receio, mas estamos dando conta até o momento. Acho que um pouco da história da equipe cinco é essa evolução de demanda e de trabalho.

S.G. – É uma demanda muito grande. Dentro da formação, que temas tu trabalhas mais proximamente? Porque o PST tem uma formação dos aspectos mais teóricos e conceituais, tem os aspectos metodológicos, tem a discussão de gênero, tem a discussão das pessoas portadoras com deficiências. Quer dizer, é uma abrangência de temáticas. Tem a própria discussão sobre a inclusão, que inclusão é essa, concepção de esporte. O que tu mais trabalhas na formação?

A.A. - Desde o princípio, meu grande apreço nas discussões, são as questões de cunho dos fundamentos. Aproximo-me bastante nessa discussão, porque penso que, se dialogado bem aqueles princípios lá, apesar de necessariamente termos ainda na nossa formação a necessidade de estar dialogando com todas as temáticas, boa parte já podem ser ampliados apenas em temáticas específicas. Fundamentos foi um espaço onde eu sempre intervim. De

¹³ Cidade de Sergipe.

¹⁴ Capital de Goiás.

¹⁵ Maria Cecília Marinho Tenório. Universidade Federal Rural de Pernambuco.

¹⁶ Adriana Sérvula Fernandes Cunha. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

¹⁷ Andréa Carla de Paiva. Universidade Federal Rural de Pernambuco.

¹⁸ Capital de Sergipe.

¹⁹ Instituto de Desenvolvimento Humano e Social.

um ano para cá, eu tenho namorado, paquerado e também exercido a função da formação com os temas de inclusão e com os temas de gênero. Mas isso tem sido uma paquera, porque eu tenho me aproximado dessa área atualmente, mas penso que, no momento das capacitações e, sobretudo, quando você está prestando acessória pedagógica para os núcleos, você está permeando todos os temas...

S.G. – Todos os temas. Não têm como fugir deles.

A.A. - Não tem como fugir muito disso. Você assume um papel de expositor na capacitação, mas, no acompanhamento, você tem que dialogar sobre todos os temas e aí vem aquela coisa que eu já falei: é aí onde nós aprendemos que o nosso referencial não é tudo, não nos salvaguarda em tudo.

S.G. – Acho que é uma leitura legal essa, porque, é um desafio mesmo que te coloca ali questões e que, às vezes, nós não sabemos nem por onde sair e daí vamos buscar. É muito legal. Queria que tu falasses um pouco sobre a importância desse programa, o que tu vê que ele tem contribuído para as políticas públicas de esporte e recreação e lazer no Brasil e também, se tu aponta alguns limites, alguns desafios para esse programa. Ele está cada vez crescendo mais. Nós vimos que o Amauri apresentou ontem a proposta que ele potencialize-se mais em termos de atendimento. Quer dizer, é um programa que não cessa de crescer, tem a inclusão no Mais Educação²¹, tem propostas dos cinco núcleos, PST indígena, PST especial, PST universitário. Quer dizer, vai sempre aumentando. Então, como que tu vê, que importância esse programa tem e que desafios estão colocados para quem está atuando junto à construção cotidiana desse programa?

A.A. - Eu vejo que não vivi tão de perto a história da educação física como pessoas que tiveram a formação um pouco antes de mim. Momentos importantes da educação física. Penso que nós temos uma história um pouco recente nas últimas, talvez, três décadas, importantes e que não participei como profissional de área. Eu acho que esse programa, se você pensar em uma dimensão mais nacional, se tornou uma referência para dar uma visibilidade de ação da área, mas uma visibilidade de comprometimento na área para esse

²⁰ Capital de Alagoas.

reconhecimento social. Eu acho que esse já é um elemento de importância desse programa para a área da educação física, mesmo que não se limite ao profissional da educação física. Na lógica de desafios, a lógica do Mais Educação, tem me preocupado, mas é uma preocupação boa. Aguçar algumas preocupações que são antigas e que se renovam com essa nova demanda do Mais Educação. Por exemplo, de você pensar: “Está bom. Então, é ampliar espaços e tempos pedagógicos na escola e está ok”. Mas isso não quer dizer uma hipertrofia do currículo. Então, não é currículo as atividades que vão ser ampliadas. O que é currículo e o que não é em uma gestão escolar? Nesse momento entra o Segundo Tempo e em que momento o Segundo Tempo está se diferenciando da educação física, a educação física como componente curricular. Aí podemos levantar novamente esse lema de estar substituindo? Estamos esportivizando, não estamos? Qual é o verdadeiro espaço desses dois elementos nessa dinâmica escolar. E acho que esse é um desafio...

S.G. – Esse é um desafio grande nesse momento...

A.A. - Um desafio importante e tem que ser enfrentado. Eu tenho acompanhado e tenho contribuído com a produção do material didático do Mais Educação, mais do campo esporte e lazer juntamente com o Amauri e com o Pereira e com outros profissionais que fazem parte de equipes colaboradoras. E esta tem sido uma preocupação nossa de tentar clarear um pouco essas diferenças e pensar as especificidades desses espaços. Para mim, este é um desafio pontual e, um segundo desafio, que eu acho que ele vai ser permanente sempre, é como ampliar a dimensão dessa política pública sem perder a qualidade. O que nós temos aí de Segundo Tempo... O Amauri brinca toda vez que ele está trazendo uma caixinha para nós. Na verdade são containers [risos]. O primeiro convite que eu tive foi para dar algumas palestras naquele primeiro momento em Maringá. Era para dar algumas palestras falando sobre o Segundo Tempo na formação e acabou. Hoje em dia eu posso dizer que, boa parte do meu comprometimento semanal para as questões das atividades acadêmicas, também estão voltadas ao Segundo Tempo e, por envolvimento, eu fico pensando: “Como é que eu lido com isso? Eu modifico um pouco meu objeto de pesquisa para começar pensar também o Segundo Tempo? Não! Isso é uma política transitória.

²¹ Programa do Ministério da Educação ligado à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

Espero que não seja” e nós ficamos um pouco no conflito porque as coisas vão tomando grandes dimensões...

S.G. – A demanda é grande e o tempo sempre é pouco. O Amauri diz: “Preciso de um texto para daqui a quinze dias”...

A.A. - Quinze dias: “Amauri, não dá” [risos]...

S.G. – Quinze dias. E são quinze dias e tem que correr...

A.A. - Sim. E, inclusive, acho que nós já perdemos pessoas legais nas equipes, porque não conseguiram acompanhar esse ritmo...

S.G. – Acompanhar esse ritmo fremente...

A.A. - Não sei bem como é que é isso. Então, essa é uma preocupação de manter a qualidade. Acho que até agora nós estamos conseguindo, mas me preocupa.

S.G. – Claro, por causa da ampliação.

A.A. - Sim e vem aí mais coisa. Você citou aí o universitário, o especial, o indígena, o quilombola, o internacional, o tudo. Aonde não vamos parar? [riso]. Nós nos perguntamos se em algum momento nós vamos ter D.E.²² no Segundo Tempo [risos].

S.G. – Eu queria te agradecer. Tu queres comentar mais alguma coisa sobre o Programa? Nós estamos fazendo esse registro para o Projeto da Memória que o Centro de Memória do Esporte²³ está coordenando. É dada a significância do Projeto e o impacto que ele tem. Nós fizemos esse Projeto junto ao Centro de Memória do Esporte que é exatamente para deixar registrada essa trajetória de um Programa de tal dimensão. Então, não sei se tu queres comentar mais alguma coisa. Fica à vontade.

²² Dedicção Exclusiva.

A.A. - Acho que a iniciativa da preservação dessa memória é extremamente importante dado a um outro impasse que nós estamos vivendo agora de tentar entender se essa política que está dando certo não seja apenas uma política de governo, mas que se estabeleça com política de estado.

S.G. – De estado.

A.A. – Sim, uma política de estado. E aí é pensar: garantir essa memória e, sobretudo, sistematizar essa memória, apresentá-la, também pode nos salvar em algum momento de recuperar esses momentos se não houver a continuidade de conseguir apontar esse momento histórico que nós estamos vivendo para perspectivas em outras oportunidades que tenhamos. Espero que não se perca o fio da meada porque o ritmo já está bom, mas, se por algum acaso perdermos, esse elemento da memória é importante para que nós consigamos resgatar o que há de bom nesse nosso momento e reelaborar com outro. Acho que é isso.

S.G. – Muito obrigada e continuamos contando contigo no projeto da memória.

A.A. - Sim, pode contar. [riso]

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²³ Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenado pela professora Silvana Vilodre Goellner.